

Ato, luta e potência na Clínica e na Política

Cristina Mair Barros Rauter¹

Resumo: Uma reflexão sobre o ato nos campos da clínica e da política a partir da filosofia de Spinoza, partindo da ideia de que ato e pensamento são indissociáveis. Acreditamos que a partir de Spinoza é possível trabalhar simultaneamente nesses dois campos, utilizando as concepções de indivíduo multiplamente composto, razão e direito tanto para pensarmos o indivíduo estritamente considerado, habitando por partes contrárias, quanto os grupos, as instituições, e a vida coletiva. Estabelecendo ressonâncias entre Spinoza, Winnicott e Reich, abordamos a questão da agressividade na clínica enquanto o que permite repelir o que diminui nossa potência, trazendo para clínica o horizonte do conflito e da guerra. Abordamos também o trabalho da imaginação na superação dos afetos tristes, permitindo a afirmação da potência. Chegamos a alguns apontamentos sobre o trabalho clínico no campo da violência de estado e do racismo, o que possibilita pensar as relações entre clínica e militância. Considerando simultaneamente elementos da Ética, e do Tratado Político, chegamos finalmente a fazer aproximações entre o terceiro gênero do conhecimento e o agir humano que nos levarão a uma concepção na qual as “lutas do desejo” são nelas mesmas ilimitadas e eternas.

Palavras-chave: ato; lutas do desejo; conatus.

Abstract: A reflection on the act in the fields of clinics and politics departing from Spinoza's philosophy, based on the idea that act and thought are inseparable. We believe that, through Spinoza, it is possible to work simultaneously in these two fields, with concepts such as multiple individual, reason and right to think both the individual strictly considered, with its contrary internal parts, and groups, institutions, and the collective life itself. Establishing resonances between Spinoza, Winnicott and Reich, we consider aggression as what allows us to repel what diminishes our potency, bringing the horizon of war to clinics. We also approach the work of imagination in overcoming sad affects, allowing the affirmation of potency. Some appointments are made on clinical work in the field of state violence and racism, which brings us to the relationship between clinics and militancy. Considering simultaneously elements of Ethics and the Political Treaty, we finally arrive at considerations between the third genre of knowledge and human action that will lead us to a conception where the “struggles of desire” are in themselves unlimited and eternal.

Key-words: action; struggles of desire; conatus.

¹ Professora do Departamento de Psicologia da Unversidade Federal Fluminense (UFF). Professora da Pós-Graduação em Psicologia UFF. E-mail: rautercristinamair02@gmail.com

Em “Revolução Molecular”, publicado em 1977, Félix Guattari usou a expressão “lutas do desejo²” para se referir à clínica. Tal expressão parece ter caído em desuso no campo da clínica psicanalítica ou mesmo da psicologia clínica em geral. A palavra luta costuma estar restrita ao campo da política. Pensamos que clínica e a política estão indissociavelmente ligadas e é necessário pensá-las dessa forma se quisermos construir estratégias de luta e resistência aos processos de subjetivação capitalistas. Esses processos dizem respeito ao controle dos afetos humanos e da ação e se aperfeiçoam constantemente, produzindo submissão e uniformização.

Consideramos que as lutas de um povo por sua autonomia não diferem em natureza das lutas do desejo de um indivíduo estritamente considerado, mas ao contrário, estão em constante ressonância. Assim, pensamos que Tratado Político³ pode ser uma fonte de reflexão, não só para a política, mas também para a clínica. A partir dessa obra de Spinoza podemos trazer importantes elementos para pensar o conflito como positividade: por certo não o conflito binário, mas o conflito pensado em múltiplas correlações de forças.

Quando miramos um indivíduo isolado, miramos uma multiplicidade e podemos nos deslocar para níveis mais elevados de complexidade, do indivíduo para os grupos, deles para as instituições, para o próprio estado e para a multidão⁴. E se retornarmos para o indivíduo em sentido estrito também descobriremos mundos inteiros, pois o indivíduo é também multiplamente composto. Isso possibilita que pensemos o agir humano na clínica e na política simultaneamente, com o mesmo aparelho conceitual.

A formação dos coletivos humanos inclui os processos imitativos que se dão no campo da imaginação, nos quais nos contagiamos pelos afetos de quem consideramos como nossos semelhantes, chegando a odiar ou amar quem se quer conhecemos, em função desses processos imitativos e de contágio afetivo⁵. É interessante notar que esses mesmos processos podem levar a um funcionamento coletivo no qual formamos “um só corpo e uma só mente”, criando desse modo poderosos meios de resistência e de luta. Spinoza não

² Guattari, F. As lutas do desejo e a Psicanálise. In: *Revolução Molecular: Pulsações Políticas do Desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981, pp. 20-33.

³ Espinosa, B. *Tratado Político*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

⁴ Spinoza, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. I, 13, Lema 7, Esc. [...] E se continuarmos assim até o infinito, conceberemos facilmente que a natureza inteira é um só indivíduo, cujas partes, isto é, todos os corpos, variam de infinitas maneiras.

⁵ *Ibidem*, III, 27: Por imaginarmos que uma coisa semelhante a nós e que não nos provocou nenhum afeto é afetada de algum afeto, seremos, em razão dessa imaginação, afetados de um afeto semelhante.

para de mostrar que esse é o melhor caminho para o aumento da potência humana: estarmos juntos, estarmos num coletivo, sendo o afeto a liga que une os indivíduos, construindo um “grande” indivíduo mais potente.

Uma das vantagens que a vida coletiva nos proporciona é a maior possibilidade de repelir o que diminui nossa potência⁶, o que nos autoriza trazer a expressão spinozista “direito de guerra” para o campo da clínica. Podemos também considerar que as lutas comuns ou coletivas podem favorecer as lutas individuais. Nas lutas individuais, se estamos sob a jurisdição de si (nós) mesmos, somos mais autônomos e mais potentes.

O que se pode opor à potência de um indivíduo ou de um grupo? Spinoza responde no axioma da parte IV⁷: é a potência de um outro indivíduo, que pode ser mais forte, agindo como um limite externo à potência. Para Spinoza, esse limite não pode ser dado pelo próprio conatus, pois é sempre exterior a ele, já que não existe nenhuma tendência para o negativo ou falta inaugural no campo do desejo, seja dos indivíduos, grupos ou coletivos humanos.

Para nos referirmos às lutas no campo da clínica, devemos considerar que um “indivíduo” é composto por múltiplos indivíduos. Esses indivíduos multiplamente compostos, ou essas partes de um mesmo indivíduo, podem ser contrárias umas às outras. Grande parte da clínica consiste construir estratégias para acionar ou aumentar a potência uma vez que o conatus sempre encontra limitações externas que quando internalizadas, se constituem em forças contrárias no interior do próprio indivíduo. Foi o que Freud ilustrou em sua segunda tópica, na qual ele se referiu a conflitos entre id, ego e superego, e a estratégias que o ego tinha que construir para enfrentá-las, atormentado pela angústia e pela culpa.

A teoria do sinal de angústia sinaliza para a importância cada vez maior dos perigos internos que podem dificultar e até impedir a realização dos desejos. Freud recusa a simplificação difundida quando da publicação de O Ego e o Id em 1923, da imagem de um pobre ego oprimido entre o Id e o Superego. Ao contrário, o que ele quer sublinhar em

⁶ Espinosa, B, Op. Cit., II, § 9. [...] cada um está sub a jurisdição de outrem na medida em que está sob o poder de outrem e está sob a jurisdição de si próprio na medida quem pode *repelir com toda a força, vingar como lhe parecer um dano que lhe é feito* [...]. Os grifos são meus.

⁷ Spinoza, Op. Cit., IV, Axioma: Não existe na natureza das coisas, nenhuma coisa singular relativamente à qual não exista outra mais potente e mais forte. Dada uma coisa qualquer, existe uma outra, mais potente, pela qual a primeira pode ser destruída.”

Inibição, Sintoma e Angústia (1926) é que o ego pode ser tão forte ao ponto de até mesmo impedir totalmente os impulsos desejantes, de modo a que nem mesmo saibamos que eles um dia existiram. “Se o ego, fazedo uso do sinal de desprazer, consegue seu objetivo de suprimir completamente o impulso instintivo, não ficamos sabendo nada sobre como isso aconteceu. Ficamos sabendo somente nos casos em que a repressão fracassou de alguma maneira⁸.” Considerando que ego é a instância que controla a ação, temos que esta pode ser inteira ou parcialmente obstaculizada por efeito do sinal de angústia ou de desprazer desencadeado previamente à ação, por impulsos proibidos em função de vivências anteriores. Podemos dizer, assim, que a segunda tópica freudiana traz consigo uma ênfase maior naquilo que obstaculiza as ações do ego no sentido da realização de desejos do que nas próprias ações estratégicas neste sentido.

A desvalorização do ato na clínica chegou, na história da psicanálise, a níveis caricaturais, expressos no pedido de adiamento de decisões como casar ou mudar de emprego quando um paciente iniciava uma análise, postergando-as para quando estivesse curado. A repetição deveria sempre ser substituída por lembrança, e não por ação⁹. Talvez não se quisesse associar a psicanálise a matrimônios desfeitos e rupturas excessivas com a moral vienense, apesar da descoberta da etiologia sexual das neuroses. O difundido hábito de “levar para a análise” os conflitos vividos na vida diária, inspirado na noção acting-out, termo pelo qual se traduziu para o inglês o “agieren” freudiano¹⁰, levou mais tarde a tratamentos que duravam uma vida. Muitas decisões foram adiadas ou até deixaram de ser tomadas sem o aval do analista ...

Para Spinoza, pensamento e ação não podem ser dissociados. Assim, seria impossível, a partir dessa perspectiva, a proposta de primeiro pensar no divã do Psicanalista, e depois agir. Agir é uma palavra reservada aos momentos em que somos

⁸ “If the ego, by making use of the signal of unpleasure, attains its object of completely suppressing the instinctual impulse, we learn nothing of how this has happened. We can only find out about it from those cases in which repression must be described as having to a greater or less extent failed”. Freud, S. *Inhibitions, Symptoms and Anxiety*. [1926]. Standard Edition of The Complete Psychological Work of Sigmund Freud. London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1975, Vol. XX, .p. 87-156.

⁹ Freud propôs uma precaução um tanto deselegante [...]de que o analista levasse o paciente a concordar a deixar de lado durante o tratamento todas as importantes decisões, como casar-se ou mudar de emprego, das quais pudesse se arrepender mais tarde. Freud proposed a rather inelegant precaution [...] that the analyst get the patient to agree to put off during his treatment all important decisions—such as marrying or taking a new job—which he might repent of later. Malcolm, Janet. *Psychoanalysis: Impossible Profession*. London: Granta Publications. Edição do Kindle, 1983.

¹⁰ Laplanche, Jean. *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 6.

ativos ou estamos determinados a partir do conatus.¹¹ Quando somos determinados a partir do que é exterior ao desejo, por direcionamentos morais familiares ou religiosos por exemplo, não agimos, pois somos passivos.

A grande identidade entre Winnicott e Spinoza referida por Martins¹² nos permite dizer que toda ação é diversa da submissão a determinações externas. “O afeto ativo, ou ainda, a alegria ativa, é sempre, em Spinoza, uma criação que se explica por nossa própria potência, na interação com o ambiente, nas relações com as coisas singulares que nos marcam”. Assim, toda ação está ligada à criação, sendo a própria dimensão do brincar o que constrói o ambiente e a vida coletiva. Retornaremos à questão da ação em Winnicott e Spinoza mais adiante.

Tomemos neste momento a questão da ação em Reich¹³. Para este autor, o processo de tornar consciente uma ideia recalcada, se for eficaz do ponto de vista clínico, produz sempre uma transformação real. “A regulação moralista deve ser substituída por atos não moralistas”, diz Reich. Assim, a regulação moralista “não poderia ser destruída a menos que fosse substituída por algo diferente e melhor¹⁴”, no plano da ação. Na situação clínica, não podemos pensar em cura, nos diz Reich, sem que se altere o modo como o paciente experimenta sua sexualidade. Esse experimentar da sexualidade é político, remete ao coletivo, pois coloca em jogo além do parceiro sexual, os valores de coletivos maiores, como a família, os amigos, o trabalho e a vida social como um todo.

O trabalho clínico bem-sucedido produz mudanças concretas na vida do paciente. Por outro lado, numa relação de dupla causalidade, a melhora da vida sexual também contribui para avanços no tratamento por diminuir a estase libidinal e dessa forma diminuir as resistências. Há, portanto, uma questão de economia libidinal envolvida quando o

¹¹ Bove, Laurent. Notas do tradutor. In: Spinoza, B. *Traité Politique*. Paris: Le livre de Poche, 2002, II, nota 8. [...] a lógica do conatus sublinha a natureza singular da perseverança no ser enquanto potência da natureza pela qual agimos. Essa natureza singular é a maneira precisa e determinada pela qual se exprime, em cada ser, a essência ou a potência divina [...] “pois o homem, enquanto parte da natureza, constitui uma parte da potência da natureza”. TTP, IV,1. (a tradução é minha). La logique du conatus souligne la nature essentiellement singulière de cette perseverance in suo esse, en tant que la puissance de la Nature, para laquelle nous agissons [...] cette nature singulière, c’est la manière précise et déterminée para laquelle s’exprime, en chaque être, l’essence et la puissance divine [...] Corrélativement, on peut dire que “l’homme, en tant qu’il est une partie de la nature constitue une partie de la puissance de la nature”. TTP, IV,1”.

¹² Martins, A. A grande identidade Spinoza-Winnicott ou a força vital da imanência. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Rio de Janeiro, v. 11, no 1, p. 109-139, 2018, p. 116-7.

¹³ Reich, W. *A função do Orgasmo*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p.160

¹⁴ *Ibidem*. p. 164.

paciente altera sua vida sexual, por efeito do tratamento. Por essa razão, Reich decidiu não aceitar padres católicos obrigados ao celibato para análise¹⁵, pois tal compromisso seria por si só incompatível com os objetivos do tratamento.

Numa via bem diversa da de Reich, nas conferências proferidas por Freud quando de sua visita aos Estados Unidos em 1909¹⁶, este explica que o “julgamento de condenação” pode ser um resultado possível do tratamento, além da sublimação dos impulsos sexuais reprimidos. Assim, mesmo que não houvesse mudanças significativas na vida sexual da paciente, poderia haver cura, através desse mecanismo no qual as ideias incompatíveis se tornavam conscientes, mas nada se alterava no plano da ação.

Examinemos o caso da paciente de Freud Elizabeth Von R.¹⁷, uma jovem vienense que cuidara do pai em seu leito de morte e que em seguida perdera a irmã por doença cardíaca. Ela se sentira sexualmente atraída pelo cunhado. Sua forte condenação por esse sentimento a levava a padecer de intensas dores nas pernas e no quadril. Quando o tratamento trouxe à consciência esses pensamentos libidinosos até então inconscientes, houve melhora das dores, mas a vida concreta da paciente permaneceu inalterada, em sua dedicação à família e aos cuidados da irmã e da mãe.

Para Reich, esse tipo de solução, na qual a paciente sabe dos seus desejos proibidos mas concorda em não realizá-los, somente poderia ser aceito numa personalidade autorregulada, que não mais pautasse sua vida por imposições morais exteriores em decorrência do tratamento. A personalidade autorregulada não age em função dos impedimentos externos, mas a partir de um funcionamento energético mais liberto das amarras das defesas e ditado por suas próprias inclinações, ainda que possa decidir obedecer a determinações externas. Já a personalidade neurótica age por obediência a normas e valores, em detrimento da ação, no caso, em detrimento de sua felicidade amorosa e sexual. São justamente esses impedimentos, a culpa e a angústia geradas quando se tenta ultrapassá-los, que caracterizam o sofrimento existente nas neuroses. Esses impedimentos são sempre da ordem do corpo e da ação.

¹⁵*Ibidem*, p. 155.

¹⁶ Freud, S. *Five Lectures on Psycho-analysis*. op.cit., Vol. XI, p. 28.

¹⁷ Freud, S. Breuer, J. *Studies on Hysteria*. *Ibidem*, Vol 2, p. 135-181.

Poderia haver felicidade amorosa e sexual quando apenas sabemos dos nossos desejos mas não temos força suficiente para contrariar a moral vigente e realizá-los? Ou como pergunta Reich: o que deve ser feito com os impulsos liberados pelo tratamento?¹⁸

A resposta a essa questão assinala uma divergência entre Reich e Freud cujos ecos ainda se fazem presentes hoje, e trazem elementos para nossa discussão a respeito do ato na clínica. Reich acredita que o melhor caminho para a cura é a possibilidade de obter gratificação sexual genital, pois ela sozinha é capaz de remover o bloqueio sexual e retirar a fonte de energia dos sintomas neuróticos. Ele não desconhece que o ambiente em que o paciente vive pode “desfazer a cura” mesmo quando o paciente já atingira alguma capacidade de obter gratificação sexual, e fazê-lo retroagir para a “conveniência da neurose¹⁹.” A outra solução preconizada por Freud frente ao destino dos impulsos sexuais liberados pelo tratamento, a da sublimação, Reich considera como de difícil consecução para a maioria dos neuróticos, pois para muitos de seus pacientes, pertencentes às classes trabalhadoras, o trabalho não estava associado ao prazer e à criação.

Podemos concluir que depois da liberação dos impulsos sexuais reprimidos é preciso romper e enfrentar as amarras morais que cercam a vida cotidiana e para isso contar com as energias liberadas pela própria obtenção de gratificação sexual para que a cura possa se dar. A liberação dessas energias traz consigo a possibilidade de agir de outro modo, ou de fortalecer novas estratégias nas lutas do desejo, no sentido de Guattari.

Reich considerava que essas lutas não poderiam ser somente do paciente isoladamente nem somente no consultório do analista. Seria necessário interferir sobre o conservadorismo da sociedade, o que o remeteu para a educação sexual e para um trabalho político mais amplo: um percurso raro para os psicanalistas naquele momento. Em 1927, Reich ingressa no partido comunista austríaco e em 1929 vai à União Soviética, onde conhece experiências de vanguarda no campo da educação, incluindo a educação sexual e questão do aborto. Em 1931, Reich aproxima-se do partido comunista alemão e funda a Associação Alemã para a Política Sexual Proletária, a Sexpol²⁰. São desse período publicações suas que discutem a relação entre a psicanálise e o marxismo e sinalizam esse

¹⁸ Reich, W. The Imposition of Sexual Morality. In: *Sex-Pol: Essays, 1929-1934*. New York, Verso, 2012, edição do kindle.

¹⁹ Reich, W. *Ibidem*.

²⁰ Matthiesen, S. *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich. Bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento*. São Paulo: Annablume. FAPESP, 2007.

seu direcionamento no sentido de apontar não apenas para o trabalho clínico, mas também para a política num sentido mais amplo na abordagem da questão sexual e da cura da neurose.

Ato e Agressividade

Para pensar o ato na clínica precisamos trazer a questão da agressividade e neste momento traremos também alguns elementos da filosofia de Spinoza para pensá-la. A agressividade está indissociavelmente ligada à ação. Spinoza associa a ação a “estar em si”, o que corresponde a um direcionamento a partir do plano de imanência. “Cada coisa esforça-se tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser”. [...] e nenhuma coisa tem *em si* algo por meio do qual possa ser destruída [...] pelo contrário, ela *se opõe* a tudo que possa retirar a sua existência²¹”. Esse “em si” tem um sentido ontológico, diz respeito às leis da natureza que nos regem e a tudo o que existe na natureza e que constitui nossa potência.

Podemos aproximar esse “em si” de Spinoza à energia vital em Reich, deixando neste momento de lado algumas diferenças que sabemos existir, pois enquanto Reich tem uma perspectiva física ou fisiológica ao utilizar o termo energia, Spinoza se refere ao conatus ou à potência, que possui uma dimensão ontológica. Spinoza coloca os planos da ação e do conatus (potência) numa relação de continuidade. Agir é uma palavra reservada aos momentos em que somos ativos ou estamos determinados a partir do conatus. Vimos que, para Spinoza, quando somos determinados a partir do que é exterior ao desejo não agimos, mas somos passivos.

A noção de Self em Winnicott aponta também para essa dimensão do “estar em si” referidas na Ética de Spinoza. A noção de “gesto espontâneo²²” guarda essa relação de indissociabilidade ou integração com o corpo ou com o self. Ao discutir a instituição psicanalítica, Winnicott percebia que a escrita podia atender a objetivos outros que não os da criação, distanciando-se do si mesmo ou do self. Grupos eram formados em torno dos que eram criativos, mas apenas para repetir suas teorias como verdades, tornando-as “línguas mortas”²³ e distanciando-se da clínica. Não podemos deixar de referir que essa

²¹ Spinoza, Op. Cit., III, 6.

²² Winnicott, D., Rodman, R. *The Spontaneous Gesture*. London: Routledge, 2018.

²³ Ibidem, Letter 25 to M. Klein.

mesma situação está presente na produção bibliográfica universitária atual, penetrada por princípios neoliberais de produtividade. Grande parte dessa produção poderia bem ser classificada como língua morta, desligada da ação e da criação.

Winnicott também considerou que a agressividade fazia parte da potência vital. Que significa a tão usada expressão acolhimento no campo da clínica? Mesmo que usasse o termo “holding” com frequência, Winnicott não deixou de apontar que esse acolhimento não dizia respeito apenas ao amor e à aceitação, mas também à crítica e ao conflito. Winnicott irá valorizar a presença da agressividade na clínica como força motora de um self insubmisso, e rejeitar toda a noção de cuidado naquele sentido meloso hoje tão difundido, que sublinha somente a ternura envolvida no cuidado e deixa de lado o conflito e a agressividade. O “going-on being²⁴” das crianças precisa da agressividade para se expressar e também de um ambiente tolerante. Mas nessa tolerância está incluído o reconhecimento da mãe ou cuidador de que há uma potência no bebê, uma força de oposição e resistência que inclui a agressividade. O conflito adolescente, do mesmo modo, não é algo a ser apenas compreendido pelos adultos. Ele precisa ser reconhecido como um dos motores de transformação de si e do próprio ambiente.

Como aponta Carlos Augusto Peixoto²⁵ Winnicott traz a possibilidade de se abordar a agressividade e a destrutividade em sua positividade criativa, distanciando-se de concepções que as relacionam à pulsão de morte. Podemos dizer que em Winnicott, a expressão e utilização da agressividade curam e produzem autonomia. Agressividade é portanto, nessa perspectiva, potência de diferenciação e de criação do próprio ambiente, incluindo-se aí o conflito tomado como positividade.

Nesse momento nos debruçemos sobre o ato na clínica e na política, em conjunto com a vida coletiva ou com o comum. Para Spinoza, é a potência do comum que permite exercer plenamente a potência humana e não a potência de um só. O vetor que amplia a quantidade de encontros com coisas e pessoas que podemos fazer também amplia nossa capacidade de pensar e agir. Assim, o indivíduo isolado, é um problema clínico e político, pois a solidão favorece a diminuição da capacidade de agir. Não seria possível falar de

²⁴ Ibidem, Introduction.

²⁵ Peixoto, C. Destrutividade, sobrevivência, subjetivação: a agressividade como potência de destruição criativa em Winnicott. In: *Revista Natureza Humana*, São Paulo, v.24, n.1, pp.17- 39, 2022.

potência orgástica sem apontar para o fato de que na vida sexual está a gênese da própria vida social, sendo o que nos leva a estabelecer laços com os outros. A melhora sintomática geralmente é acompanhada de um incremento da vida social.

Encontramos em Spinoza um elogio à vida coletiva, ou a um tipo raro de vida coletiva. Ele se refere a uma sociedade baseada na razão, na qual se busca o que é melhor para todos. É esse tipo de *pensar comum* que Spinoza chama de razão. Na proposição 24 da Ética IV, o filósofo aponta que “agir absolutamente por virtude nada mais é, que agir, viver, conservar o seu ser [...] sob a condução da razão. Nessa proposição aparecem ligadas ação, vida e conatus. Outro aspecto a considerar no conceito de razão em Spinoza é que se trata de um tipo de conhecimento no qual o corpo todo está envolvido, e não somente de algumas de suas partes.

Retornemos à questão da agressividade. Em *Revolução Molecular*, Guattari assim descreve a agressividade infantil:

A criancinha diz: vou arrancar a cabeça do meu irmão e logo depois prossegue com algo completamente diferente, por exemplo: eu gostaria de partir para a lua com o meu irmão. Então se descobre que seu ódio pelo irmão coexistia com o amor. Mas o ódio não esconde o amor, simplesmente uma nova conexão produziu um novo possível. O ódio maquinado de outra maneira produziu o amor²⁶.

Numa sociedade onde a vida coletiva está sujeita a muitas limitações, elas atingem também o brincar infantil. Por essa razão, podemos considerar que o espaço para novas conexões pode estar limitado, e em consequência, também as possibilidades de transformação do ódio em amor. O brincar infantil está limitado pelo medo das ruas, pela interferência da disciplina escolar, pelos modos de morar que não favorecem o coletivo, entre muitos outros fatores que não abordaremos neste momento.

Clínica e militância

Os terapeutas que atuaram no Projeto Clínico Grupal Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro, equipe da qual fiz parte, consideravam que uma das dimensões do tratamento era

²⁶ Guattari, F. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 29.

participação, não obrigatória, nas assembleias semanais do Grupo Tortura Nunca Mais²⁷. A militância possui um potencial terapêutico, pois ela pode transformar em luta aquilo que aparece como queixa. Isso é feito a partir do acionamento da dimensão do coletivo e da agressividade, sabendo que a agressividade de um só pode pouco. Por isso a equipe sempre recusou o uso da expressão “vítima” para se referir à clientela, composta de militantes e familiares de desaparecidos ou de pessoas que sofreram perseguição e tortura praticadas por agentes do estado durante a ditadura militar brasileira. Preferíamos a expressão “atingidos”, pois ela mantinha a perspectiva da luta empreendida por esses que eram, naquele momento, atendidos pelo projeto clínico. O “atingido” pela repressão do estado estava numa luta e por isso sofrera as retaliações que estavam gravadas em sua memória. Há uma diferença entre ser derrotado e ser um perdedor. Alguns pacientes se colocavam como perdedores e esse afeto triste se espalhava para outros campos da sua vida. O resgate do direito de guerra, da potência do guerreiro para quem a derrota é uma das dimensões da luta, eram também dimensões do tratamento. Todo guerreiro sabe que uma derrota pode ser temporária e que a luta pode ser retomada. Talvez uma vida seja pouco para isso, e a retomada tenha que ser feita por outros, pois não se luta sozinho. Uma luta definitivamente perdida é o que sinaliza também a macabra expressão “perdeu” usada em situações que precedem um assassinato por agentes do Estado ou grupos criminosos no Rio de Janeiro atual.

Numa clínica voltada para os efeitos do racismo certamente podemos afirmar que a participação na militância produz efeitos terapêuticos. O uso dos diversos tipos de psicoterapia e de psicanálise é limitado quando não busca conexões com as lutas coletivas ou pelo contrário, quando se afasta delas. Para Guattari, o modelo psicanalítico de uma escuta que toma uma distância sistemática em relação a tudo o que é dito cria uma força que arrasta os investimentos do desejo para fora do campo social. “Talvez os psicanalistas façam tudo o que podem para ajudar o povo e no entanto, apesar de sua boa vontade, eles contribuem à sua maneira para reduzir os indivíduos a solidão e para esmagar seu desejo²⁸”.

Ampliando essa reflexão, podemos trazer as considerações de Spinoza sobre a ineficácia da luta de um só, que só pode ser considerada como uma espécie de ficção. Mas podemos dizer que o indivíduo isolado está composto por múltiplos indivíduos e dessa

²⁷ Passos, E., Rauter, C., Barros, R. (orgs) *Clínica e Política: Subjetividade e Violação de Direitos Humanos*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Tecorá, 2002.

²⁸ Guattari, *Ibidem*, p. 27.

maneira, as psicoterapias individuais nunca são verdadeiramente individuais, pois terapeuta e cliente já são uma multidão²⁹. Por outro lado, a dimensão do coletivo não está dada, bastando para acioná-la apenas reunir pessoas. Ela pode deixar de ser acionada mesmo quando estamos em grande número, o que ocorre com muita frequência em nossa experiência coletiva cotidiana, quando estamos quase sempre próximos de muita gente sem que por isso sejamos mais potentes.

Com relação aos efeitos do racismo, podemos afirmar que, assim como no caso dos atingidos pela violência do estado, a militância é terapêutica. O uso de diversos tipos de psicoterapia e de psicanálise é limitado quando não busca conexões com a luta coletiva ou pelo contrário, quando se alheia às lutas que ocorrem no campo social.

O psicanalista ou psicólogo clínico tem dificuldade de pensar os efeitos do racismo sobre a subjetividade quando sua compreensão se mantém aferrada a universais. Ele pode reduzir essas vivências a algum conflito familiar que estaria sob a cena racista, ou sob a cena da violência do estado, que explicaria o sofrimento vivido a partir de seus efeitos. Porém se tomamos um ponto de vista spinozista, percebemos que tudo está numa superfície onde se dão os encontros de corpos, na qual não existem princípios gerais organizadores. A cena familiar geralmente não explica o racismo, que costuma ocorrer na cena pública. No relato de muitas pessoas negras, a descoberta do racismo se deu na escola ou no trabalho, pois a família negra funcionou, ao menos até uma certa idade, como um “escudo protetor”³⁰ frente a um ambiente hostil, buscando atenuar os efeitos mais nefastos de um ambiente racista na formação da criança. A família pode permanecer funcionando desse modo na vida adulta, como um refúgio frente a um ambiente racista, apesar de que nas famílias mestiças não é raro que as mães prefiram os filhos de pele mais clara ou que em famílias negras se tenha dito abertamente às filhas que deveriam se casar com branco para branquear a família. A família negra não está imune ao racismo presente na sociedade mais ampla, mas apesar disso, os sofrimentos produzidos pelo racismo nunca podem ser reduzidos ao conflito paterno, a carências infantis, ou a falhas na maternagem.

No Brasil, em nossa guerra particular e diária, muitos jovens morrem em confrontos com a polícia ou vivem mortes em vida no confinamento a que estão submetidos, no

²⁹ Deleuze, G. & Guattari, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: 34, Rizoma, 1996.

³⁰ Khan, M. O conceito de trauma cumulativo. In: *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, pp. 57-75.

ironicamente chamado sistema socioeducativo. Todo confinamento se baseia na restrição à utilização da musculatura e à movimentação e conseqüentemente ao exercício da agressividade e da sexualidade. Esses espaços de confinamento são caracterizados pela extrema submissão às regras impostas e pelo impedimento à formação de coletivos.

O silenciamento da discussão sobre o racismo ao longo de muitos anos, quando se considerava que no país não havia esse problema, mascarou para muitos negros sua real condição, impedindo-os, em parte, de se posicionar. Não podiam perceber com clareza, por exemplo, que não bastava o esforço pessoal para melhorar de vida. Havia reais impedimentos relativos à cor associados ao fracasso escolar, às oportunidades de trabalho, entre outros aspectos. Sem essa compreensão, estavam sempre sujeitos a achar que era culpa sua quando fracassavam nesses dois âmbitos³¹. As peculiares circunstâncias da abolição da escravidão no Brasil, lançaram à própria sorte, sem políticas públicas de apoio, sem reforma agrária, e sem trabalho os negros libertos. Quase no mesmo momento em que se assinava a abolição, com a outra mão se abria as fronteiras para imigração preferencial de brancos europeus. Esse foi também um dispositivo de produção de culpa em larga escala, quando a tão almejada liberdade trouxe consigo a fome, dificuldade de moradia, a exclusão de várias formas. Se você é livre, por que continua tão pobre? A resposta a essa pergunta estava oculta e com facilidade a pobreza era explicada pelo fracasso pessoal, gerando culpa e sentimento de fracasso.

Culpa, tristeza, medo e diminuição da potência

Quando queremos pensar o ato na clínica, temos que pensar também a produção de culpa. A culpa está ligada de modo indissociável à produção de incapacidade de agir. Vimos que Spinoza reserva a palavra agir para os momentos em que estamos em sintonia com nossa essência singular, ou com o “si mesmo”. Dominados pela culpa ou pelo ressentimento, ou por afetos tristes, não agimos, apenas reagimos ou somos passivos. Reich

³¹ *Mano Brown recebe Suely Carneiro*. Mano a Mano. Podcast. 26 de maio de 2022. Disponível em <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrmog0RkUnCPr?si=18e0066947514884>, em 4 de dezembro de 2022.

também mencionou esse tipo de ação que é na verdade uma reação³² na qual estamos ainda sob o domínio de causas externas ao nosso conatus.

Se queremos falar de uma clínica Spinozista das resistências teremos que acompanhar os processos de colonização da imaginação que produzem a tristeza e a inferiorização, limitando e reduzindo a capacidade de agir. Pensar e agir não estão dissociados no pensamento de Spinoza: bem ao contrário, só agimos quando somos capazes de pensar. Muitas vezes, estando determinados do exterior, somos passivos e estamos na paixão. Quando um governo busca manter um povo triste, está buscando impedir que ele possa repelir o que o domina. Um indivíduo triste é também um indivíduo solitário, que realimenta sua tristeza ao se isolar, diminuindo suas chances de contagiar-se com os afetos de outros indivíduos e dessa forma aumentar sua potência.

Não significa que devemos estar sempre alegres. E paradoxalmente, é quando estamos tristes que mais lutamos: "Quanto maior for a tristeza, tanto maior deve ser a parcela de potência de agir do homem que ela contraria. E também, tanto maior será o esforço ou a potência de agir que empregará para afastar a tristeza³³". Assim, a tristeza também pode ser um catalisador da luta.

Os meios digitais são hoje um fator que concorre para a diminuição da capacidade de agir no contemporâneo. Eles diminuem as possibilidades de interação corporal, o que afeta também a capacidade de pensar. A questão a ser colocada não é tanto a da difusão das fake news, mas a da perda da capacidade crítica das coletividades. Esquecidas de que as chamadas redes sociais foram criadas, antes de tudo, para produzir lucros, muitas pessoas acham que podem se transportar para elas e ali viver quase que exclusivamente sua vida social. As alegrias ali experimentadas, porém, serão sempre alegrias parciais, pois partes do corpo estão excluídas. É preciso trazer os conceitos winnicottianos de falso self e de dissociação para compreender e avaliar as perdas envolvidas nesse uso generalizado da comunicação através de dispositivos multimídia.

A produção de culpa, enquanto um afeto triste, produz despotencialização subjetiva, e desse modo afeta a capacidade de agir. Porém há um constante esforço do conatus por imaginar as coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo³⁴. A dança e os

³² Reich. Op. Cit.

³³ Spinoza, Op. Cit., III, 37.

³⁴ Spinoza, Ética III, 12.

ritmos afrobrasileiros desempenharam esse trabalho terapêutico de potencialização subjetiva, cujos efeitos de longa duração estão presentes na vida brasileira de hoje, apesar das tristezas decorrentes da extrema desigualdade reinante no país e da pobreza que afeta em especial a maioria preta. Os tiranos que produzem essa situação, porém, detêm o acesso a múltiplos meios de incremento de afetos tristes e também de esperanças, que para Spinoza são alegrias passivas. Os negros brasileiros em nossos trezentos anos de escravidão foram acusados de serem passivos, de se deixarem dominar pelos brancos, porém essa foi sempre uma espécie de campanha organizada pelas elites brancas, que além dominarem os negros pela força das armas e da tortura tentaram também dominá-los pela mente, buscando fazer com que acreditassem em sua inferioridade. A dominação do corpo e da mente é o maior grau de dominação possível³⁵ e quando atingido, um povo pode chegar a ter uma “vida de gado³⁶”. Mas não há um grau zero de potência enquanto estamos vivos, então falamos sempre de graus de potência, que podem ser mínimos, como no caso da vida de gado.

Tem um outro sob seu poder quem o detém amarrado, ou quem lhe tirou as armas e os meios de se defender ou de se evadir, quem lhe incutiu o medo ou quem mediante um benefício o vinculou de tal maneira a si que ele prefere fazer-lhe a vontade a fazer a sua e viver segundo o parecer dele a viver segundo o seu. A vinculação pode ser só pelo corpo, ou pelo corpo e pela mente. Quem tem um outro em seu poder sob a primeira ou a segunda destas formas, detém só o corpo dele, não a mente; mas quem o tem sob a terceira ou a quarta forma fez juridicamente seus, tanto a mente como corpo dele, embora só enquanto dura o medo ou a esperança. Na verdade, desaparecida esta ou aquele, o outro fica sob a jurisdição de si próprio³⁷.

O terror, como medo extremo, pode paralisar quase toda a dinâmica da resistência, reduzindo os homens à inércia e transformando a sociedade em rebanho. É quando o medo

³⁵ Espinosa, Op. Cit., II, §10.

³⁶ Zé Ramalho. Admirável Gado Novo (música), 1979. Letra: Ôôô, boi. Vocês que fazem parte dessa massa. Que passa nos projetos do futuro. É duro tanto ter que caminhar. E dar muito mais do que receber. E ter que demonstrar sua coragem. À margem do que possa parecer. E ver que toda essa engrenagem. Já sente a ferrugem lhe comer. Ê, ô, ô, vida de gado Povo marcado, ê! Povo feliz! Ê, ô, ô, vida de gado Povo marcado, ê! Povo feliz! Lá fora faz um tempo confortável. A vigilância cuida do normal. Os automóveis ouvem a notícia. Os homens a publicam no jornal E correm através da madrugada. A única velhice que chegou. Demoram-se na beira da estrada. E passam a contar o que sobrou! Ê, ô, ô, vida de gado. Povo marcado, ê! Povo feliz! Ê, ô, ô, vida de gado. Povo marcado, ê! Povo feliz! Ôôô, boi. O povo foge da ignorância. Apesar de viver tão perto dela. E sonham com melhores tempos idos. Contemplam essa vida numa cela. Esperam nova possibilidade. De verem esse mundo se acabar. A arca de Noé, o dirigível. Não voam, nem se pode flutuar. Ê, ô, ô, vida de gado Povo marcado, ê! Povo feliz! Ôôô, boi.

³⁷ Espinosa, Op. Cit., II, §10.

ataca o conatus mesmo do corpo comum. No cume da dominação, os tiranos nem desejam mais a glória. Eles negam a humanidade de seus dominados e nem contam com sua admiração. “Não há nada mais lamentável que essa paz pela qual os homens, inúteis a si mesmos, solitários e mudos, sem compaixão, nem projeto, sem memória, fixados no presente de uma sobrevivência animal, sobrevivem efetivamente na apatia, ao processo contínuo de sua própria morte³⁸”. No entanto, apesar das acusações de incapacidade de lutar e da contínua produção de afetos tristes de que foram alvo, a população negra brasileira resistiu, pois: “todo o longo período da escravidão neste país foi marcado pelas sublevações dessa raça que mesmo curvada ao relho do feitor, sabia tentar a liberdade³⁹.” Fracassou, desse modo, a tentativa de domínio do corpo e da mente através de múltiplas estratégias de resistência.

O ilimitado, a luta e a potência

A via do coletivo é, como já dissemos, uma via privilegiada para conseguir o aumento da potência, tanto do corpo quanto da mente. Na parte V da *Ética* encontramos vários elementos que irão explicitar a importância da relação entre ato e potência do coletivo ou da multidão. “Fazer muitas coisas” é uma via para diminuir a possibilidade de ser governado a partir do exterior e de ser tomado por afetos tristes. É o que verificamos na demonstração da proposição 39 da *Ética V*⁴⁰:

Quem tem um corpo capaz de fazer muitas coisas é menos tomado por afetos que são maus, ou por afetos contrários à nossa natureza” [...] Assim, *aquele que tem um corpo capaz de muitas coisas*, tem uma mente que, considerada em si mesma, possui uma grande consciência de si, de Deus e das coisas. [...] de tal maneira que tudo aquilo que esteja referido à sua memória ou à sua imaginação não tenha, em comparação com o seu intelecto, quase nenhuma importância [...]. (os grifos são meus)

As formas de dominação do capitalismo atual dizem respeito a múltiplos dispositivos, midiáticos, virtuais, que buscam exercer-se simultaneamente sobre o corpo e

³⁸ Bove, L. *Espinosa e a Psicologia Social*. São Paulo; Autêntica, 2010, p. 123

³⁹ Jurema, A. *Rebeliões Negras no Brasil*. Recife: Edições da Casa Mozart 1935, p. 10.

⁴⁰ Spinoza, Op.Cit.

sobre a mente, com consequências negativas sobre a ação. Mas sempre há, ao mesmo tempo, uma luta contínua da própria mente, que se esforça por imaginar as coisas que aumentam ou estimulam a potência de agir do corpo para superar a tristeza⁴¹.

De onde vem a potência desejanter, ou o conatus de um indivíduo? Para Spinoza, sua força provém da mesma potência que há na natureza. Essa potência é limitada pelas potências dos outros indivíduos, como aparece no axioma da parte IV da *Ética*, mas é nela mesma ilimitada. É também a potência que há nos grupos e na multidão o que possibilita que alguns conceitos, como os de “direito natural”, “direito de guerra” e “estar sobre a jurisdição de si mesmo”, possam trazer uma contribuição para o campo da clínica, em especial para pensar o ato como luta e resistência, nessa bricolagem clínico-política que aqui fazemos.

Spinoza não para de apontar que o coletivo é a melhor maneira de aumentar nossa potência. Outro ponto importante a considerar é que em sua concepção, a lei não é o outro lado da potência, mas uma dimensão da própria potência ou do conatus da multidão.

A lei costuma a ser pensada como o que limita o conatus. Nessa perspectiva, sem o limite da lei, o desejo se tornaria caótico no sentido negativo. Porém Spinoza pensa o direito e a lei como o que emerge da relação que estabelecemos quando estamos todos juntos: “Se dois se põem de acordo e juntam forças, juntos podem mais, e consequentemente *têm mais direito* sobre a natureza do que cada um deles sozinho; e quantos mais assim estreitarem relações, *mais direito* terão todos juntos⁴²”.

Retornando à nossa reflexão sobre a relação que pode ser estabelecida entre os contrários que habitam um indivíduo multiplamente composto, podemos pensar que não é um indivíduo apaziguado, em sua “zona de conforto”, numa expressão recente e muito reveladora, o que uma clínica de inspiração spinozista produzirá. Não é tão pouco um indivíduo resignado, que aceitou sua derrota definitiva. Como dissemos, as derrotas são sempre provisórias quando vislumbramos um horizonte de guerra. A paz de espírito não poderia resultar da ausência de conflito, mas da concórdia entre as partes, o que Reich nomeia como autorregulação⁴³ e que podemos aproximar da razão em Spinoza.

⁴¹ *Ibidem*, III, 12.

⁴² Espinosa, *Op.Cit.* II, 13.

⁴³ Reich, W. *Op. Cit.*

Queremos ressaltar neste momento que é a produção dessa concórdia de partes que resulta no aumento da potência requer ação – quer na clínica, quer na política. Ela não virá a partir da imposição de uma lei externa, mas corresponde à abertura para uma ampliação da experiência. Uma das vantagens do trabalho clínico com grupos é a de aumentar as possibilidades de experimentação com o novo e o diferente, produzindo um campo de superfície onde possam ser produzidas “outras maquinações⁴⁴” ou outras atualizações da subjetividade enquanto campo múltiplo.

O agir humano está, em Spinoza, sempre atravessado pela razão, o que corresponde a um aumento da potência do pensar. Se estamos dominados a partir do exterior, não agimos, mas padecemos. Analogamente, quando Reich utiliza a palavra destrutividade está se referindo a uma transformação da agressividade na qual ela deixa de servir à vida, mas está submetida a paixões tristes, como ressentimento, espírito de vingança, sadismo ou masoquismo. Porém a agressividade é um componente indispensável da ação e da luta. É com a agressividade que construímos a possibilidade de repelir o que diminui nossa potência.

O que seria este “aumento da potência do pensar” que corresponde à razão para Spinoza? Seria necessário estudar muita filosofia ou marxismo antes de agir? Ao contrário: trata-se de um modo do pensar que é, em princípio, acessível a todos. Como podemos compreender que algo tão raro quanto agir sob a condução da razão esteja ao alcance de todos? Isto se dá porque conhecer Deus é também acessível a todos. Se Deus é natureza e tudo o que existe exprime a natureza de Deus, então conhecer Deus nada mais é do que conhecer o mundo tal como ele existe, pois o mundo expressa em ato a natureza de Deus.

Dessa forma podemos pensar clínica e política, ato e pensamento simultaneamente, o que é nosso principal propósito neste artigo. Acrescentando mais um aspecto na compreensão do que seria um aumento da potência do pensar ou a razão em Spinoza, podemos dizer que a razão diz respeito também ao aumento da capacidade de experimentar. Esse direcionamento está muito claro na proposição 14 da parte II quando lemos que “A mente humana é capaz de perceber muitas coisas e é tanto mais capaz quanto maior for o número de maneiras pelas quais seu corpo pode ser arranjado”. Mas a experimentação não deve necessariamente ser com livros ou está reservada aos que teriam uma inteligência

⁴⁴ Guattari, *Ibidem*.

superior. Trata-se antes de ouvir, de discutir e consultar, no coletivo. “Os engenhos humanos são demasiado obtusos para que possam compreender tudo de imediato. Mas consultando, ouvindo e discutindo eles aguçam-se e desde que tentem todos os meios, acabam por encontrar o que querem, que todos aprovam e em que ninguém havia pensado antes⁴⁵”.

Qual seria o problema do ignorante? Não seria tanto sua falta de conhecimento, mas sua solidão, pois estando separado de outros homens, está submetido somente a seus próprios impulsos, sendo dessa forma mais facilmente tomado pelo medo, pela superstição e pela inveja.

Pesquisando simultaneamente na *Ética* e no *Tratado Político*, concluímos que é na vida em comum que podemos pensar e agir melhor, pois nela somos mais capazes de realizar mais encontros com coisas e pessoas. É a potência do comum que permite também exercer num grau maior a potência humana.

A experiência da multiplicidade, quer com partes internas nossas, quer com coisas e pessoas, levam a um aumento da capacidade de conhecer. Essa experiência é aumentada na vida coletiva ou na multidão enquanto dimensão ontológica. Somente numa democracia pode um governo ser virtuoso e ser exercido a partir dos preceitos da razão, buscando-se o que é melhor para todos. Nesse regime a capacidade de fazer muitas coisas, ou de agir, está aumentada. No fascismo, apesar de poder ser um movimento de muitos, não pode haver uma real potência do pensar e do agir humanos, pois a potencialidade política da multidão está penetrada por afetos tristes, de ódio, vingança, de submissão a líderes, todos esses afetos tristes concorrendo inevitavelmente para uma diminuição da potência de agir.

Para Luchese⁴⁶, a parte V da *Ética* deve ser lida em acordo com o *Tratado Político*, para que possamos extrair dela todas as suas consequências políticas. Spinoza faz um reparo ao axioma da parte IV, no qual ele apontava para os limites externos da potência a partir das potências maiores que as nossas. “O axioma da parte IV diz respeito às coisas singulares, enquanto consideradas em relação a um tempo e a um local determinados.

⁴⁵ Espinosa, Op.Cit., IX, §14.

⁴⁶ Del Lucchese, Filippo. Democracy, *Multitudo* and the Third Kind of Knowledge in the Works of Spinoza. *European Journal of Political Theory*. 8 (3)339-363. 2009.

Acredito que ninguém duvide disso⁴⁷”.Tendo em conta o terceiro gênero do conhecimento e a noção de eternidade que aparecem na parte V da *Ética*, podemos extrair algumas consequências para a luta e para a ação. Podemos referir o pensamento e a ação humanas ao conatus enquanto potência nela mesma ilimitada.

As lutas coletivas não estão restritas a um tempo e um local determinado e neste sentido, elas são eternas. Já nos referimos a que as derrotas, pensadas num horizonte de guerra, são sempre parciais. Assim, as lutas continuam no tempo e não têm um limite determinado. Por outro lado, quanto mais se conhece pelo terceiro gênero do conhecimento, mais se quer conhecer: “Quanto mais a mente é capaz de compreender as coisas por meio do terceiro gênero do conhecimento, tanto mais deseja compreendê-las por meio desse mesmo gênero.⁴⁸ Ao que podemos acrescentar: mais e melhor age, agindo por virtude, sob a condução da razão. Dessa maneira, a potência do coletivo nela mesma não conhece limites. Podemos dizer que quanto mais se deseja, mais se quer desejar ou quanto mais se luta mais se quer lutar. As lutas do desejo estão, assim, constantemente sendo alimentadas por novas experimentações, que por sua vez ampliam constantemente a capacidade de conhecer e de construir novas estratégias. O conhecimento que temos quando agimos sob o domínio da razão ou sob o terceiro gênero do conhecimento nos trazem ensinamentos para os campos da clínica e da política, fazendo pensar que mesmo que limitadas externamente por potências maiores que as nossas, nossas lutas podem ser sempre reinventadas e se realimentar da experiência que continuamente produzem.

Recebido em 13/12/2022

Aprovado em 24/07/2023

⁴⁷ Spinoza, *Op. Cit.*, V, 37, Escólio.

⁴⁸ Spinoza, *Ibidem*, E V, 26.